

GEU, ENSINO SUPERIOR E FORMAÇÃO DOCENTE

Elizabeth Diefenthaler Krahe¹

As sementes em solo fértil se multiplicam e novas árvores se formam. Seja por seus frutos serem levados para longe e as sementes plantadas desenvolverem novas árvores, por caírem em solo próximo fértil ou conexões através das redes de raízes

Com essa imagem início a reflexão sobre nosso trabalho no GEU, que evidencia essa conexão entre as ideias do grupo idealizador, de colaboradores associadas, de ex-alunos e do grupo de orientandas/os. Pode-se afirmar que existem atualmente no mínimo três gerações de educadores e pesquisadores que são frutos e sementes das ideias originais de grupo de docentes e pesquisadoras que iniciaram a caminhada de pesquisas, reflexões e análises tendo a entidade Universidade como foco.

Proponho aqui, de forma sucinta, um texto memorialístico das atividades guiadas basicamente pela ótica de currículos e formações de professores em instituições de Educação Superior junto ao GEU, a partir de meu ingresso como docente da UFRGS, com aprofundamento da participação através das pesquisas e orientações realizadas junto ao Programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da UFRGS e suas consequências atuais. Ao mesmo tempo completando as concisas memórias com depoimentos atuais de colegas que atuam no sistema de educacional brasileiro, por mim orientados em seus doutorados na UFRGS, que foram e são semeadores de ideias e conhecimentos construídos ao longo de suas carreiras em que parte de nosso trabalho no GEU se vê refletido.

Retomo, resumidamente, temas abordados nas teses deste grupo específico de colegas, os tópicos pesquisados e analisados nestas pesquisas e alguns depoimentos das atuações recentes de parte do grupo quanto aos reflexos que os estudos, dentro do quadro proposto pelo GEU, se fazem presente em suas atividades profissionais.

Não escrevo o texto apenas em primeira pessoa, pois relato atividades feitas por união de pessoas em interrelação. Dentro do princípio freiriano de que ao ensinar aprendemos com os alunos, temos sempre uma troca de saberes, ainda mais em se tratando de grupo de profissionais, já na ativa, alguns com longas carreiras e experiências educativas.

¹ Doutora em Educação pela UFRGS, Mestre em Educação pela UFRGS; Graduada em Letras pela UFRGS. Docente aposentada UFRGS; professora Colaboradora do Depto, Estudos Especializados UFRGS. Desenvolve estudos na linha de pesquisa Universidade teoria e Prática: Universidade, Pesquisa e Inovação; orientadora IC CNPq; Membro da LASA e da RIES.

A primeira geração GEU

Iniciando minhas atividades na UFRGS, após carreira de quase duas décadas no Ensino Médio público, no RS; pelos estudos que havia feito, fui convidada a aderir aos estudos e trabalhos que começavam, nos anos 1990, sobre Avaliações do sistema de Educação Superior, em diferentes partes do hemisfério ocidental. Foi um contato extremamente enriquecedor em termos intelectuais, pois ao mesmo tempo que aprendíamos com os colegas bem mais experientes na área (cito as reuniões com professoras M. Estela D.P. Franco, Denise B. Leite e Marília Morosini, entre outras) igualmente tínhamos a oportunidade de ouvir e dialogar com convidados que traziam suas experiências internacionais (Boaventura Sousa Santos e outros).

Nesse quadro, sentia estar no papel, de um lado como educadora experiente, e por outro de aprendiz das novas ideias e teorias que se construíram naquele período, tão rico em discussões políticas e intelectuais, no Brasil e no Mundo.

Essas oportunidades de aprendermos, com grupos de pesquisa e no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, abriu as portas para a continuidade de nossa formação, muitos, como eu, já docentes concursados da universidade (e deixo claro que um número expressivo de professores novos na UFRGS compunha o grupo no qual me incluí).

A segunda geração GEU

Assim, começo por minha carreira no Ensino Superior, sentindo-me já como uma das primeiras árvores da segunda geração do GEU.

Há décadas, como profissional da educação, o tópico da formação docente tem sido objeto de minhas reflexões e curiosidade. Pela experiência de anos como professora de língua estrangeira e Supervisora Educacional, em escola pública de Ensino Médio, no RS, o processo de como nos formamos para a profissão docente era uma questão a ser analisada. As disparidades no conhecimento das áreas pedagógicas e específicas, entre professores de uma mesma disciplina, chamavam e ainda chamam atenção de quem se interessa pelo tema Educação.

Com o correr do tempo, aprofundi estudos nesta área, inicialmente com foco na avaliação educacional e suas vertentes em uso nas escolas.

A Educação Superior é a linha mestra, que une este grande grupo de pesquisas Brasil afora, conforme apresentação do GEU², “Universidade aqui entendida de maneira ampliada, como espaço da educação de nível superior, de ensino e formação profissional, de pesquisa e produção de conhecimento”

Portanto, cursei o doutorado, já como vínculos nesta primeira fase do GEU, aprofundando o conhecimento em área específica ligada à formação de docentes para a Educação Básica, focando objetivamente os Currículos de Formação em Cursos de Licenciaturas.

Durante o período de doutoramento, tivemos oportunidade de participar de atividades ligadas ao mesmo tema de formação docente com colegas pesquisadores de outras nações, evidenciando a importância destas trocas de experiências proporcionadas pelos grupos de estudos das universidades.

A terceira geração GEU

Pouco após finalizada a etapa da tese e defesa, iniciou-se a participação em atividades docentes no Programa da Pós-Graduação em Educação da UFRGS, bem como de pesquisadora vinculada ao grupo de Estudos Universidade Teoria e Prática, um dos componentes do GEU (GEU Ipesq), liderado pela colega Maria Estela Dal Pai Franco.

Um novo horizonte que se apresentava, pois alargava a área de atuação para além da formação de docentes para a Educação Básica, abrindo as portas para as riquíssimas trocas que são realizadas nos programas de formação de pessoal em pós-graduação.

Um dado importante também na perspectiva de trocas e colaborações entre pesquisadores, grupos de pesquisa e universidades tem lugar neste período através da construção da RIES (Rede Sulbrasileira de Investigadores em Educação Superior)³, rede que deve ter sido melhor explorada em outros artigos deste dossiê.

Como grupo GEU Ipesq, formado por pesquisadores docentes, alunos em formação na pós-graduação e alguns de graduação (os bolsistas de Iniciação Científica, auxiliares essenciais para nossas pesquisas), tivemos inúmeras oportunidades de divulgar nossos estudos através de congressos e eventos acadêmicos diversos, tanto em nosso Brasil quanto no exterior.

² Disponível em: <https://www.ufrgs.br/geu/pagina-exemplo/#:~:text=Apresenta%C3%A7%C3%A3o%20A%20Rede%20GEU%2FGrupo%20de%20Estudos%20so bre%20Universidade,pesquisas%20com%20foco%20em%20temas%20sobre%20a%20Universidade.>

³ Disponível em: [https://www.pucrs.br/humanidades/ries/.](https://www.pucrs.br/humanidades/ries/)

Momentos inesquecíveis, tanto na parte acadêmica pelo crescimento intelectual que nos proporcionavam, quanto na afetiva, pelas ocasiões de encontros, compartilhamento e amizades que se estabeleciam, através da construção das apresentações e viagens em comum.

Atualmente, já aposentada na UFRGS, continuo participando como Colaboradora Convidada do DEE UFRGS, de grupo de pesquisas, agora coordenado pelo colega Jaime Zitkoski. Analisamos as universidades públicas emergentes brasileiras, e os desdobramentos pedagógicos e políticos das mesmas. Como orientadora de bolsista de Iniciação Científica, sigo o caminho há muito traçado de aprofundar os conhecimentos nos estudos sobre os currículos de formação docente em licenciaturas, agora nas instituições em foco recente.

Essa força básica que moveu e ainda move o trabalho, serviu igualmente de base de sustentação de teses de meus orientandos. Tínhamos um grande objetivo em comum, estudar diversos aspectos do Ensino Superior, tanto em graduações quanto em pós-graduações e seus desdobramentos nas diversas instâncias de educação.

Aqui cabe rememorar alguns destes estudos, apontando, através de recortes dos resumos das teses, assim como através de depoimentos recentes, dos colegas ex-orientandos, que os fizeram especialmente para ilustrar o desenvolvimento e reflexos daqueles estudos nas suas vidas profissionais acadêmicas. Neste segmento trago então a voz de colegas, que compartilharam comigo a jornada de formação, deles como alunos do PPG e eu como aprendente professora do Programa.

Foram muitos anos, e muitos orientandos que estiveram conosco, dividindo saberes, desafiando a novas leituras e discutindo e criando ideias. Por questões ligadas especificamente a um tempo e espaço que temos para trazer aqui nossas reflexões, fizemos uma opção em focar naquele grupo que completou seu doutoramento sob nossa orientação e hoje, de maneiras diversas, constrói novos conhecimentos e experiências com os jovens, e às vezes alunos nem tão jovens assim, que os procuram para burilar seus conhecimentos.

Antes de iniciar o diálogo com os conteúdos das teses e seus desdobramentos, compete brevemente lembrar o cenário educacional brasileiro do período em que os estudos e as teses foram escritas/desenvolvidas: basicamente nas duas décadas iniciais do séc. XXI. Um período de recém lançadas legislações com a nova LDB (Lei 9394/96) ainda parcialmente em implantação, concomitante às necessárias reformulações e reformas curriculares dos cursos de licenciaturas brasileiros.

Permeia, ainda hoje, a discussão de formar melhores profissionais nas licenciaturas de acordo com as necessidades da sociedade em cada época específica. O que nossos estudos indicam são movimentos de atualização dos currículos de cursos de formação docente, levando em conta as profundas transformações que as tecnologias trazem para a sociedade, adequando os mesmos ao seu tempo, porém igualmente foram evidenciados os contramovimentos, de resistências às modificações nas licenciaturas.

E, um aspecto grave, identificável na legislação educacional, as constantes reformas, algumas apenas de fachada, que obrigam a permanentes alterações nos cursos de formação de professores, não dando o tempo necessário a que um currículo se consolide e seja avaliado, antes que novas tentativas de transformações sejam propostas. Todo nosso estudo foi pautado em uma ideia básica de Popkewitz (1997): o currículo analisado como construção social e sua reforma como uma prática política e social, e não necessariamente como mudança.

Corroborando as reflexões acima, trazemos uma brevíssima descrição das teses construídas e defendidas durante período em que orientei no PPGEDU UFRGS com excertos das ideias força conforme nos resumos.

Os grandes tópicos que permeiam muitas vezes mais de uma tese são:

- O tema da formação docente em licenciaturas e as reformas (Sroczyński e Bonelli)
- A relação universidade, escola, sociedade (Wielewicki e Bitencourt)
- A questão das hierarquias entre universidade e escola: necessidade de diálogos (Bitencourt e Wielewicki)
- O debate da formação docente em licenciaturas (Roza, Sroczyński, Bitencourt, Portelinha, Bonelli e Wielewicki)
- A ação da formação pedagógica do docente do Ensino Superior (Silva e Silva)
- A educação inclusiva em formação continuada e relação com a sociedade (Guasselli).

Ao analisarmos os trabalhos aqui nomeados, evidencia-se já na época da pesquisa e construção da tese uma das características do GEU, a interiorização dos sujeitos de pesquisa. Na maioria dos casos, as universidades e centros de formação docente estudadas não se encontram nas grandes metrópoles, porém em cidades de menor porte tanto em estados do Sul, quanto do Oeste brasileiros.

- Roza, concluiu seu mestrado sob minha orientação e recebeu indicação para passagem direta ao doutorado, assim sendo a primeira orientanda de doutorado que acompanhei. Seu tema principal era a questão da formação de professores reflexivos e o aprofundou questionando nessa perspectiva a prática da pesquisa no processo de formação de professores em Pedagogia em duas universidades gaúchas, uma pública e outra privada. Defendeu a tese em 2009. Comprovou a necessária articulação entre IES, Curso de Pedagogia e práticas docentes na formação dos profissionais reflexivos e manifestou que na IES pública, a articulação desponta com maior vigor nos depoimentos dos professores. Afirmou que: “Os cursos de Pedagogia se configuram como estruturas institucionais de apoio à gestão e implementação de propostas de aprendizagem inovadoras com base em concepções ético-políticas emancipatórias”.
- Na tese de Hamilton de Godoy Wielewicki, o estudo investiga a relação universidade e escola, no período em que ocorrem os estágios supervisionados dos alunos de licenciaturas de universidade federal no interior do RS, UFSM. Entende que: “Os resultados sugerem que o arranjo institucional – na universidade e na escola – não favorece maior envolvimento dos docentes universitários das licenciaturas com o contexto da escola e tampouco ajuda a promover uma relação mais simétrica entre as instituições e atores envolvidos”. Durante seu período de doutoramento fez parte dos estudos na Universidade norte-americana de Wisconsin (doutorado sanduíche). Com a realidade da formação docente nos dois países analisada, finalizando a tese concluiu, que serão necessárias: “Atividades de prática de ensino, com o fito de nortear ações formativas mais democráticas, participativas e, desse modo, social e culturalmente relevantes para os parceiros envolvidos”.
- Claudete Inês Sroczyński em seu resumo de tese descreve duas reformulações curriculares em Curso de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) - Campus Sinop entre os anos 1990 e 2010, afirmando que: “Foram provocados por conjuntos de demandas sociais, políticas, institucionais e pedagógicas contextualizadas em uma dada realidade, que tanto fundamentaram as proposições de mudanças, quanto possibilitaram o

emergir do esgotando dos currículos”. E segue descrevendo ser indício de: “Que as proposições institucionalizadas necessariamente não atendem e não representam interesses e proposições de todos os professores do curso” uma vez que como conclui “os consensos construídos foram os possíveis, e não unanimidades. E as silenciadas possuem a potencialidade de operar atitudes e fortalecer discursos que confrontam o instituído”.

No ano de 2014 quatro teses foram finalizadas sob minha orientação. Foram trabalhos muito interessantes; três tratando de licenciaturas tiveram focos bastante distintos, o quarto analisando desdobramentos de curso de qualificação para professores de educação especial em pós-graduação. Abaixo descrição concisa.

- Loriege Pessôa Bitencourt realiza sua investigação no Curso de Licenciatura Plena em Matemática (CLPM) da UNEMAT/Cáceres, questionando em que sentido o diálogo reflexivo sobre Educação Matemática entre três gerações de professores se constitui processo potencializador da Pedagogia Universitária? Sua metodologia diferenciada foi desenvolvida em Grupo de Trabalho Colaborativo (GTC) através de formação continuada para três gerações de professores de Matemática ligadas ao Curso de Licenciatura Plena em Matemática (CLPM) da UNEMAT/Cáceres: docentes do curso, acadêmicos e estagiários. Em conclusões escreve que: “O diálogo reflexivo sobre Educação Matemática potencializa a Pedagogia Universitária quando é possibilitado aos professores o encontro para dialogarem e a eles é permitido falar e ouvir sobre as realidades do seu dia a dia de trabalho docente, de forma horizontal, sem hierarquias e receios”. Finaliza indicando a necessidade de diálogos reflexivos entre os sujeitos que ensinam e os aprendentes, assim como do trabalho colaborativo na formação docente.
- Ângela Maria Silveira Portelinha, no mesmo ano finalizou a tese em que descreve e examina dados sobre três cursos de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Analisou a Pedagogia nestes cursos de Pedagogia, após a reforma curricular que fizeram para adequar-se às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia (DCNCP) – Resolução do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno (CNE/CP), n. 1/06 (BRASIL, 2006). Conclui com seus estudos,

fundamentados na teoria crítica de currículo, segundo Apple, indicando: “Que a formação no curso de Pedagogia caracteriza-se, conforme DCNCP, com base na articulação entre a docência, a gestão educacional e a produção do conhecimento na área da educação”. E considera que: “Este currículo reduz o espaço de discussão da produção acadêmica em Pedagogia e das ciências das quais é tributária”.

- Sônia Maria de Souza Bonelli estudou os Projetos Pedagógicos de dois cursos de Pedagogia, analisando especificamente o ensino de Ciências, relacionando com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a área. Durante o período do doutorado, aprofundou seu conhecimento do tema na Universidade de Lisboa (Pt), em bolsa de estudos “doutorado sanduíche”. Focou no ensino de Ciências em escolas de ensino fundamental e depoimentos de estagiárias de curso de Pedagogia visando identificar se os ensinamentos da disciplina Metodologia das Ciências colaboram para desenvolver sujeitos críticos alfabetizado cientificamente para o século XXI. Finalizando afirmou que: “Com base no referencial teórico utilizado, ficou evidente que, por intermédio do ensino de Ciências, é possível o desenvolvimento de um pensamento crítico, tanto em cursos de formação docente quanto na educação básica”.
- Maristela Ferrari Ruy Guasselli, em sua tese analisou a interconexão entre “a produção de conhecimento na universidade e a prática na escola de ensino regular”, focalizando na universidade um curso de formação continuada em educação especial relacionando com o trabalho dos professores na educação básica. Questionou o fazer pedagógico de docentes após frequentarem curso de Pós-graduação em Educação de uma universidade comunitária no Rio Grande do Sul. Em suas entrevistas estudou as “relações que estabelecem entre o campo epistemológico da formação continuada em educação especial e a forma como racionalizam esse conhecimento na educação básica”. Para tanto ancorou os achados em quatro eixos: Políticas Públicas Educacionais; Epistemologia e Prática; Formação Continuada; Valorização do Professor. Conclui que: “Saberes produzidos, ressignificados e/ou refletidos, no curso de formação continuada em educação especial, [...] no que se refere à prática de

educação inclusiva, para decisão pedagógica, é uma ação complexa no contexto da educação básica e exige saberes de diferentes naturezas, que vão além do campo epistemológico e prático, pois incluem aqueles que estão alicerçados na cultura de cada docente”.

- Maria da Glória Silva e Silva defendeu em 2015 tese, investigando as implicações da Pedagogia Universitária (PU) incrementada em Universidade Comunitária de Santa Catarina apontando o “desenvolvimento dos currículos de cursos de graduação e para a docência no contexto das reformas educacionais pós-LDB de 1996”. Na época ocorria mudança curricular com objetivo de incrementar o ensino por competências e articulação entre as esferas do ensino/pesquisa /extensão na formação dos estudantes. Para tanto analisou documentos, filmagens e depoimentos de 90 professores em atividade de PU. Identificou nas conclusões atividades inovadoras tanto em salas de aula presenciais quanto nas virtuais. Com um porém, os docentes, por serem em grande número horistas, apresentaram impedimentos nas condições de trabalho e qualificação. Encerra afirmando: “Nestas condições, está limitada a possibilidade dos docentes de discutir o currículo e moldá-lo com autonomia, de acordo com as necessidades de aprendizagem dos estudantes”.

A quarta geração GEU

Pensando já numa nova geração influenciada pelos ideais do Grupo de Estudos sobre Universidade, através dos trabalhos das duas primeiras décadas deste conjunto de pesquisadores, faço um breve recorrido pelos depoimentos que solicitei, via WhatsApp, a todo grupo de ex-orientandos acima nomeado. Solicitei que enviassem breve notícia das atividades que exercem atualmente e as repercussões dos aprendizados da fase de doutorado, feitos dentro do marco teórico do GEU, neste percurso de trabalho. Dos oito, apenas uma está definitivamente aposentada. Os demais seguem em atividades ligadas à Educação, como constatamos nos excertos das declarações recebidas; em sua maioria com vínculos às universidades, grupos de pesquisa, e lideranças em seus meios acadêmicos, e uma se diferencia por exercer cargo de governo, com a chefia da Secretaria de Educação do município onde reside.

Faço brevíssima citação dos trabalhos que exercem e deixo então que os excertos das mensagens “falem” pelos ex-orientandos.

Hamilton Wielewicki: Professor Associado 3, Departamento de Metodologia do Ensino, do Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina; fez estágio de pós-doutorado no College of Education da University of Washington, em Seattle (2019-2020); foi presidente do Comitê Gestor do Fórum das Licenciaturas da UFSC; é Coordenador institucional no PIBID e LIFE-UFSC (Laboratório Interdisciplinar de Formação de Educadores); participa em comissões institucionais de elaboração e acompanhamento de políticas para formação docente na UFSC. Pesquisa a relação universidade-escola na formação de professores

Referindo-se a seu período de doutoramento, escreveu:

“[...] uma experiência muito intensa de vislumbrar a pedagogia universitária a partir de um olhar, por assim dizer, novo para mim, mas ao mesmo tempo assentado no rico percurso já feito pelo GEU. A intensidade de tal experiência tem a ver tanto com um contexto de pesquisa que se constitui e se ressignifica dinamicamente a partir de uma diversidade de olhares, quanto pela lógica de compartilhamento de saberes e de esforços”.

Sobre o período pós tese até hoje comentou que:

“[...] o retorno à minha instituição de origem (UFSC) e, posteriormente, a vinda para a UFSC foram e tem sido lastreados pelo ethos de pesquisa do GEU. Meu amadurecimento como pesquisador foi pautado, em larga medida, pelo convívio com o rigor e o vigor metodológico que a imersão no grupo de pesquisa tem propiciado, pela postura e pelo olhar humanizado que a atividade de pesquisa no GEU e de cada componente que dá vida ao grupo, pela reiterada lembrança de que a compreensão da universidade passa pelo entendimento aprofundado e dialógico da relação entre o todo e as partes, como sempre a lembrar que a própria etimologia do termo universidade remete inequivocamente à construção de um senso de comunidade e de universalidade, ou seja, de que o lugar que ocupamos no universo da produção de conhecimento é informado pela vivência intensa e problematizada das relações que mantemos com a comunidade da qual fazemos parte, mas também pela qualidade do diálogo que as comunidades da qual fazemos parte conseguem manter com outros contextos, independentemente das fronteiras que eventualmente nos separam”.

Claudete Sroczynski: professora aposentada da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Sinop; é professora convidada do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da UNIFASIPE – Centro Universitário:

“[...] destaco inicialmente que a formação no decorrer do doutoramento agregou conteúdo para que no interior da UNEMAT Campus Sinop, fosse possível contribuir de forma sistemática na criação, implantação e estruturação da Faculdade de Educação e Linguagem (2012/2016), assumindo a direção desta instância de gestão acadêmica. (...) a inserção de disciplinas da área do currículo no Curso de Licenciatura em Pedagogia da UNEMAT Campus Sinop – MT; a orientação de graduandos em Pedagogia com o propósito de compreender que a atuação profissional de professores é afetada pelas condições sociais, políticas e econômicas do tempo presente; e o trabalho na formação de professores para atuarem no Ensino Superior, orientada pela premissa de que o trabalho docente é um trabalho incerto e complexo, constituído de um conjunto de saberes inerentes a esta atividade profissional”.

Loriege Pessôa Bitencourt: professora pesquisadora UNEMAT; docente permanente do PPGEdU/UNEMAT; membro do GEU/UFRGS/UNEMAT; docente permanente na Rede Amazônica de Educação em Ciências e Matemática (REAMEC); orientadora doutorado Instituto Federal do Acre (IFAC), com foco na Educação Superior. Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul.

“Da pesquisa realizada no GEU/UFRGS, nas aprendizagens que tive quando estudante de doutorado, na docente pesquisadora que estou me tornando, afirmo que a raiz foi a oportunidade de estudar na UFRGS, na linha de pesquisa Universidade: teoria e prática e ser pesquisadora membro do GEU/UFRGS e depois GEU/UFRGS/UNEMAT. Tenho orgulho de dizer que faço parte de um grande grupo de professores da UNEMAT que tem o “DNA” da UFRGS,. [...] No Estado no MT somos propulsores nos estudos e pesquisa sobre Pedagogia Universitária”.

Ângela Maria Silveira Portelinha: Professora da Universidade estadual do Oeste do Paraná – Unioeste; entre 2015 e 2022 Coordenadora do PIBID, coordenadora do Estágio Supervisionado, Coordenadora do PPGE; membro do NUFOPE e NDE; criou, com duas colegas igualmente formadas no PPGEDU UFRGS/GEU, o grupo de pesquisa “Educação Superior, formação e Trabalho docente” – Gesfort, vinculado ao CNPq; estágio pós-doutoral na Universidade Estadual de Campinas, concluindo em 2002

“As orientações, discussões, estudos e envolvimento nas atividades do GEU possibilitaram, além de aprofundamento teórico-metodológico voltado à Educação Superior, currículo e formação de professores, um acúmulo de experiências na pesquisa e produção do conhecimento. A inserção nesse espaço acadêmico desencadeou reflexões e críticas sobre a organização do trabalho administrativo e pedagógico da Universidade, principalmente do curso de Pedagogia e do PPGE da Unioeste, campus Francisco Beltrão”.

Sônia Maria de Souza Bonelli: Professora PUCRS; Coordenadora do Curso de Pedagogia, da Escola de Humanidades; Assessora Pedagógica na Educação Continuada, Graduação e no Lato Sensu. Fez nova graduação em Pedagogia:

“Hoje acompanho as alunas estagiárias e retomei a primeira graduação com a disciplina de Princípios e Propostas Metodológicas de Ciências. Essa trajetória só foi possível com muito estudo e dedicação, parte dele com a formação no doutorado [...] o link de uma publicação realizada com alguns colegas, sobre avaliação no período da pandemia”⁴.

Maristela Ferrari Ruy Guasselli: Secretária de Educação do município de Novo Hamburgo RS; Presidente da UNDIME/RS:

“Em meio ao contexto de reformas aligeiradas, momento em que enfrentamos dificuldades imensas no tocante à garantia do direito à educação, vividos nos últimos tempos, é necessário entrelaçar a prática diária ao campo teórico, permeados pela legislação, produzindo e ressignificando novos conhecimentos visando garantir políticas públicas educacionais de qualidade [...] a importância do campo teórico (PPGEDU/ UFRGS, nível doutorado) que de forma muito particular repercute na minha trajetória profissional, pela convivência acadêmica, nos distintos momentos de estudo e debate [...] minha prática, frente às exigências ditadas pela lei e à realidade enfrentada enquanto dirigente municipal de educação, na certeza de que não há soluções fáceis nem rápidas para tantos desafios”.

Maria da Glória Silva e Silva: servidora do Instituto Federal de Santa Catarina, Técnica em Assuntos Educacionais no Departamento de Educação a Distância da Pró-Reitoria de Ensino ; Coordenadora do Programa Universidade Aberta do Brasil na instituição; líder do grupo de pesquisa GPEAD - Gestão e Processos Formativos na Educação Profissional e Educação a Distância; partícipe da rede de pesquisa Qualidade e Regulamentação no contexto da Educação Aberta, Flexível e a Distância no Brasil e na América Latina

“[...] de 2010 a 2015, estive vinculada como estudante ao Grupo de Estudos sobre Universidade da UFRGS e me recordo de alguns momentos relacionados com minha trajetória atual [...] As repercussões dessas experiências vão além dos resultados publicados na época da participação no GEU como estudante e ecoam na formação como pesquisadora para articulação de novas ações no campo da gestão pedagógica da educação

⁴ <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/18874>

superior e no desenvolvimento de programas de formação de professores no contexto brasileiro”.

Visando encerrar esse ensaio de memórias e novas reflexões que a escrita deste texto me oportunizou, volto a citar parte do depoimento de Hamilton Wielewicki, fazendo das palavras dele as minhas.

“Não é por outra razão que os caminhos abertos ao longo da participação no GEU têm sempre mostrado a importância de ouvir, mas também de dizer o que temos pensado como coletivo de pesquisa sobre a universidade e sobre a pedagogia universitária. Esta certeza - com as relativizações que tal termo por ventura admita - tem operado como uma baliza ética e como um caminho a trilhar, de um modo singularmente relevante e fundamental”.

